



POLÍTICA OPERÁRIA

Sem luta, nossos salários despencaram

Que as centrais e sindicatos reajam imediatamente, convocando um Dia Nacional de Luta

Entra ano e sai ano, nossos salários perdem para a alta do custo de vida. Poucas foram as categoriais que conseguiram reajustar os salários de acordo com a inflação. Eis por que o reajuste médio dos trabalhadores foi de 6,5%. Segundo dados do próprio governo, várias categorias tiveram reajustes entre 3,7% e 4,1%. A inflação pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) atingiu 10,06%. Mas as famílias operárias sabem muito bem que explodiu o preço do gás, luz e dos alimentos. Em São Paulo e região, o preço das passagens dos transportes coletivos foi para R\$ 5,10, um reajuste 7,37%.

Há anos, nossos salários vêm diminuindo, diante da alta do custo de vida. Isso significa: 1) os capitalistas protegem seus lucros, pagando salários menores; 2) a família operária empobrece ainda mais; 3)

a minoria rica fica mais rica, e a maioria pobre, mais pobre.

O reajuste salarial médio de 6,5%, em 2021, mostra que não houve verdadeiras campanhas salariais. Não houve a defesa do reajuste, da recuperação das perdas anteriores e do aumento real. Diante da inflação, os sindicatos e as centrais deveriam fazer uma campanha unificada pelo reajuste e aumento real dos salários.

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos e centrais convoquem imediatamente um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, em defesa do aumento dos salários, dos empregos e dos direitos trabalhistas. Somente unindo a classe operária e os demais trabalhadores, é possível impor ao patronato e governo um salário capaz de atender às necessidades vitais da família trabalhadora.

Fora o salário mínimo de fome de Bolsonaro!

Por um salário mínimo que cubra as necessidades da família trabalhadora

O governo decretou mais um salário mínimo de fome. Passou de R\$ 1.100,00 para R\$ 1.212,00. O que corresponde a 10,04% de reajuste. O salário mínimo é calculado para uma família de 4 pessoas. Mais da metade de seu valor é consumida apenas com a cesta-básica.

Os governantes e patrões sabem que mais de 20 milhões de brasileiros têm de sobreviver com 1 ou menos de 1 salário mínimo. A imensa maioria dos aposentados recebe 1 salário mí-

nimo. Basta somar os trabalhadores que ganham de 1 a menos de 1 salário mínimo, com os milhões de desempregados e subempregados, para saber de onde vem a miséria e a fome.

Os governantes e os politiquinhos da burguesia falam que é preciso diminuir a desigualdade social no Brasil. A desigualdade, porém, nasce da exploração do trabalho, do enriquecimento da minoria capitalista, e empobrecimento da maioria explorada. Somente a classe operária or-

ganizada e em luta pode defender-se da pobreza e miséria. Para isso, precisamos recuperar nossos sindicatos, expulsando deles as direções vendidas e traidoras.

O Boletim Nossa Classe defende: 1) salário mínimo vital, calculado pelas assembleias operárias; 2) que nenhum trabalhador receba menos que 1 salário mínimo vital, capaz de sustentar a família de 4 pessoas; 3) emprego a todos, reduzindo a jornada de trabalho, sem reduzir os salários.

Convocar as assembleias e organizar a luta

O ano de 2022 se iniciou com mais de 13 milhões de trabalhadores desempregados. Com 37 milhões de pessoas no subemprego. Com 73 milhões de assalariados sem os direitos trabalhistas elementares. Com 19 milhões na mais profunda pobreza. E com o miserável salário mínimo de R\$ 1.212,00. Mesmo diante dessa trágica situação, os governantes e capitalistas só têm, como saída, a am-

pliação das contrarreformas e as privatizações. Bolsonaro já tem em mãos as novas medidas, para avançar a reforma trabalhista e a venda de estatais, como os Correios e Petrobrás.

As direções sindicais farão de tudo para que os sindicatos estejam inteiramente voltados às eleições de outubro. Para isso, usam o desempre-

go, a fome e a miséria apenas para inchar os discursos eleitorais. Querem que os trabalhadores acreditem que, substituindo um governo burguês por outro, é possível melhorar suas condições de vida. NÃO! Companheiros. Essa desgraça que atinge nossas famílias só pode ser combatida com a força coletiva dos explorados. Só pode ser enfrentada por meio da luta direta, defendendo

um programa próprio de reivindicações, e mantendo a independência de classe.

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos convoquem imediatamente as assembleias presenciais, e aprovem a luta unitária contra o desemprego, fome e miséria. Não ao eleitoralismo! Sindicato é para a luta contra o patronato e seus governos.

Direção do sindicato aprova mais um acordo que permite à Volkswagen eliminar postos de trabalho e direitos

Na assembleia no dia 14 de dezembro de 2021, o presidente do sindicato, Wagner Santana, o Wagnão, conseguiu aprovar novas regras no acordo feito em setembro de 2020, que permitam a empresa colocar, até 2025, trabalhadores em lay-off e eliminar postos de trabalho através de PDVs e reduzir salários e direitos.

Atualmente 2.400 operários na Volks estão em lay-off, com o contrato de trabalho suspenso, com redução de 15% nos salários e nos direitos correspondentes. Apenas o primeiro turno da fábrica está produzindo. Pelo novo acordo, 450 operários terão de aceitar o PDV. Sabemos que a pressão psicológica, e o terrorismo é grande para atingir essa meta.

Quando os companheiros da Volkswagen e demais metalúrgicos entenderem o quanto a direção do sindicato tem ajudado os patrões a tirar seus empregos, reduzir os salários e destruir direitos, certamente, além de rejeitarem as propostas patronais, que a direção apresenta nas assembleias, irão criar uma oposição sindical, para arrancar os burocratas que há muito controlam o sindicato, e que o colocam a serviço das multinacionais.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a exigirem que a direção do sindicato convoque nova assembleia, onde todos tenham o direito de se expressar, para rejeitar esse acordo de demissão, e organizar a luta contra os planos da montadora. Luta essa que só pode ser com os métodos próprios da classe operária, greve, piquete e manifestações massivas de rua.

DENÚNCIA DOS OPERÁRIOS DA VOLKSWAGEN

Operários da Volkswagen denunciaram ao Nossa Classe que a fábrica começou a fazer descontos, que variam de R\$ 100 a R\$ 150 em seus salários, relacionados ao plano médico. Diante do questionamento dos companheiros, os representantes da fábrica informaram apenas que é um resíduo, e que tinham esquecido de descontar no passado. Esse é um dos exemplos das manobras feitas pela multinacional para cortar salário.

Por outro lado, a direção do sindicato, depois de fazer os acordos traidores com a empresa, desaparece da fábrica, lava as mãos, deixando os operários à deriva, para que a empresa faça o que bem quiser.

O Boletim Nossa Classe tem feito uma campanha em defesa da comissão de fábrica, verdadeiramente de luta. Levanta a bandeira de que é preciso recuperar o sindicato, o que significa expulsar a burocracia vendida desse organismo dos trabalhadores.

Sindicato é para lutar

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Laticínios e Alimentação de São Paulo (STILASP) fechou o dissídio nas grandes fábricas de sua atuação, como a VIGOR (10,42%), mas deixou os trabalhadores da fábrica Bela Vista a ver navios. Já são mais de 3 meses da data-base do setor de “Massas e Biscoitos”, e, até agora, nenhuma notícia!

Em seu site, não existe nenhuma notícia sobre o assunto, apenas um comunicado de férias. Ligações dos operários também não surtiram efeito. Cresce, entre os trabalhadores da fábrica, uma revolta contra o sindicato. Não é à toa que a desfiliação vem crescendo. Mas esse não é o caminho de luta contra a direção do sindicato.

O Boletim Nossa Classe defende os operários e operárias da fábrica Bela Vista em sua luta pela reposição salarial e pelo aumento real dos salários, para melhorar sua condição de vida. Esclarece que os sindicatos são instrumentos de luta dos trabalhadores. É preciso se organizar e lutar para tirar essas direções que abandonam os explorados e defendem os patrões.

O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR). Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a luta dos explorados em defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.